

## NOTAS ETNOGRÁFICAS INICIAIS SOBRE UM SITE DE ENCONTROS PARA PESSOAS COM PÊNIS PEQUENO

Elizabeth Sara Lewis<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho mobiliza os campos da Linguística *Queer* e Linguística Aplicada para fazer algumas reflexões preliminares sobre uma etnografia virtual recentemente iniciada no “DinkyOne”, um site e aplicativo de encontros para pessoas com pênis pequeno e pessoas que procuram parceiros com esta característica. Por meio de um posicionamento *queer*, decolonial e interseccional, objetiva-se estudar como xs usuárixs da plataforma lidam com a estigmatização do pênis pequeno na nossa sociedade e como esse preconceito afeta masculinidades e ideias sobre desejos e relações sexuais. Nossas reflexões giram em torno de três eixos: (1) as opções lexicais que o site disponibiliza para a criação dos perfis, (2) as performances identitárias dxs usuárixs nos perfis e (3) os textos do próprio site que descrevem os serviços que oferece. O projeto teve início em agosto de 2020 e já nessas primeiras semanas de campo temos observado que os textos da plataforma e xs usuárixs às vezes destabilizam, mas também às vezes reforçam cisheteronormatividades; e fazem discursos que problematizam a valorização ideológica do pênis grande, mas somente deixam entrever algumas questões envolvendo estereótipos racializados.

**Palavras-chave:** masculinidades, sites/aplicativos de encontros, estereótipos, pênis pequeno.

### INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho apresenta algumas reflexões iniciais sobre uma etnografia virtual recentemente iniciada na plataforma “DinkyOne”, um site e aplicativo de encontros cujo lema é “conectando quem tem pênis pequeno a quem os prefere”. Insere-se no projeto de pesquisa “Performatividade, desejos e práticas sexuais: (re)produção e desestabilização de cisheteronormatividades”, que mobiliza os campos da Linguística *Queer* (LIVIA; HALL, 1997; BORBA, 2015; LEWIS, 2018) e Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006, 2009a, 2009b), e um posicionamento *queer*, decolonial e interseccional (BUTLER, [1990] 2012, [1993] 2019, [2015] 2018; VERGUEIRO, 2017), para estudar um tema um tanto quanto inusitado: a estigmatização do pênis pequeno na nossa sociedade e como isso afeta masculinidades e ideias sobre desejos e relações sexuais.

<sup>1</sup> Dra. Elizabeth Sara Lewis, professora adjunta da Escola de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), [elizabeth.lewis@unirio.br](mailto:elizabeth.lewis@unirio.br).

Discursos cisheteronormativos – ou seja, discursos que naturalizam a heterossexualidade e o binário de gênero (VERGUEIRO, 2017) – reproduzem a ideia que somente homens têm pênis e privilegiam a masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, [2005] 2013). Também reproduzem a valorização ideológica do pênis grande, que é visto como uma sinalização direta de virilidade e capacidade sexual (CORBIN, [2012] 2013; COURTINE, [2012] 2013; VIGARELLO, [2012] 2013)<sup>2</sup>. Indivíduos com pênis pequeno, portanto, são vistos como “menos homens”, “menos viris” e “menos capazes” de dar prazer, o que pode resultar em problemas de autoestima, ódio ao corpo etc. Ao mesmo tempo, a ideia que um pênis grande sempre resultará em mais prazer para xs parceirxs coloca ênfase demais na penetração, ignorando outras formas de dar e sentir prazer (FURLANI, 2009; PRECIADO, [2000] 2014). “Diz-se que os prazeres residem no pênis, na vagina e nos seios, ou que emanam deles” (BUTLER, [1990] 2012, p. 107), mas, como observa Paul B. Preciado ([2000] 2014, p. 23) no seu *Manifesto Contrassexual*, precisamos pensar “uma sexualização do corpo em sua totalidade”, incluindo, por exemplo, a pele, os braços, os pés etc., em vez de focar só nos órgãos reprodutivos.

Adicionalmente, existe uma relação interseccional entre a (des)valorização de certos tamanhos de pênis e a existência de certos estereótipos racializados. Os homens negros frequentemente são hipersexualizados, o que envolve diversos discursos, incluindo a ideia de que todo homem negro teria um membro avantajado, enquanto os homens asiáticos geralmente são hipossexualizados, o que inclui a ideia de que todo homem asiático teria um pênis pequeno (MELO; MOITA LOPES, 2014; KURASHIGE, 2015; BONFANTE, 2016; KIMMEL, 2017). Embora possa parecer que tais discursos fossem resultar na valorização do homem negro, já que o pênis grande seria enaltecido na sociedade cisheteronormativa, frequentemente fazem o contrário – acabam por animalizá-lo, resultando no reforço de discursos racistas. Para explicar esta contradição, podemos olhar para Michael Kimmel (2017), que afirma que a hipersexualização do homem negro e a hipossexualização do homem asiático trabalham de maneira conjunta

---

<sup>2</sup> Com a exceção da Grécia Antiga, quase toda a história documentada mostra uma valorização do pênis grande (CORBIN, [2012] 2013; COURTINE, [2012] 2013; VIGARELLO, [2012] 2013). Isso levanta algumas questões que espero explorar em etapas futuras da pesquisa: por que na Grécia Antiga foi diferente? Essa valorização estética somente valia para o pênis flácido visto em obras de arte e em eventos esportivos em público? O pênis pequeno também era valorizado nas relações sexuais? Enfim, documentos e estudos históricos mostram, reiteradamente, a valorização do pênis pequeno na Grécia Antiga, mas não explicam os detalhes desta valorização.

para simultaneamente normalizar e enaltecer os homens brancos – seriam eles que têm a sexualidade nas medidas ‘certas’, supostamente sem excessos nem carências, seja no que diz respeito à libido, seja ao tamanho do pênis.

Embora pesquisas sobre sites e aplicativos de encontros tenham proliferado nos últimos anos, e algumas (KURASHIGE, 2015; NOGUEIRA, 2015; BONFANTE, 2016) tenham observado a valorização do pênis grande, seja nas descrições de si que indicam o tamanho do membro, seja pela procura frequente por parceirxs com membro grande, nenhuma dessas pesquisas menciona uma procura por parceirxs com pênis pequeno. O objetivo da presente pesquisa, portanto, é de preencher essa lacuna ao estudar os discursos na plataforma DinkyOne, focando em como os textos da plataforma e xs usuárixs desestabilizam ou reproduzem estereótipos generificados e racializados sobre o tamanho do pênis e sobre masculinidades em geral. Assim, pretendemos contribuir para uma maior compreensão sobre como desestabilizar o ideal da masculinidade hegemônica (branca) em nossa sociedade cisheteronormativa.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa está sendo realizada na forma de uma etnografia virtual (HINE, 2000, 2005), no site DinkyOne (<https://dinkyone.niche.dating/>). O projeto é bastante novo – foi registrado na Plataforma Brasil em agosto de 2020. Como estamos aguardando o parecer final do Comitê de Ética para começar o processo de contatar e entrevistar xs usuárixs do site, até o presente momento temos nos limitado a fazer algumas observações sobre as informações públicas na plataforma – os textos do próprio site com descrições dos serviços oferecidos, o processo de criação de perfil e as opções disponibilizadas para as descrições de si, e os perfis públicos dxs usuárixs. Desta maneira, fizemos o que Richard Miskolci (2017) chama de um *reconhecimento estrutural* do site: o trabalho de observar a plataforma, fazer levantamento dos perfis públicos etc. Nos limitamos, neste primeiro momento, a olhar para os perfis das pessoas geolocalizadas no Brasil, embora a plataforma tenha usuárixs em muitos países ao redor do mundo. Assim, conforme o título do presente trabalho sugere, pretendemos apresentar apenas algumas reflexões iniciais (em vez de resultados e conclusões definitivas) sobre nossas experiências no site.

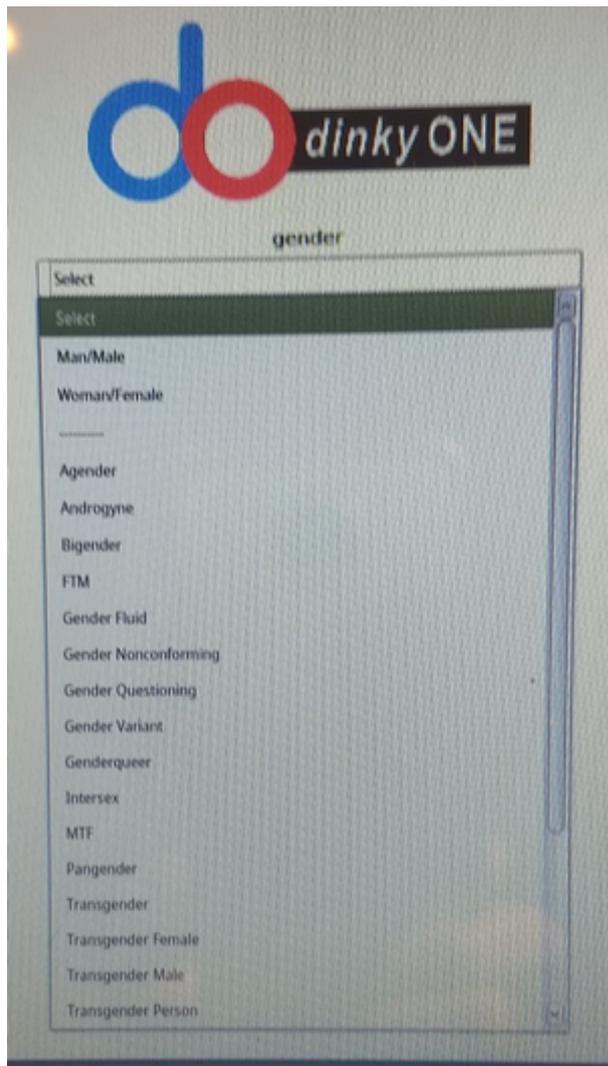
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossas reflexões iniciais sobre nossas experiências no site DinkyOne giram em torno de três eixos: 1) as opções lexicais que o site disponibiliza para a criação dos perfis, 2) as performances identitárias nos perfis, (3) os textos do próprio site que descrevem os serviços que oferece.

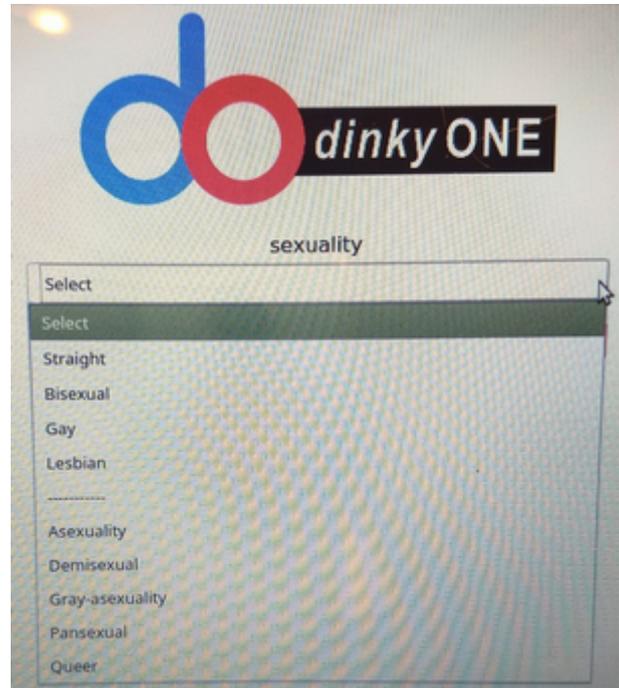
No que diz respeito ao primeiro eixo, é importante salientar que o processo de criação de perfil é extremamente limitado: xs usuárixs são obrigadxs a marcar opções pré-estabelecidas; à diferença de muitas outras plataformas para encontros, não há *nenhum* campo aberto para inserir informações personalizadas. Isso é particularmente restritivo (e frustrante) para categorias como “eu sou”, onde é necessário escolher entre somente 21 opções de adjetivos (que descrevem o corpo, a personalidade e a profissão), e “interesses”, com 24 opções de atividades e bebidas<sup>3</sup>. Não aparece nenhum campo para indicar a identificação étnico-racial. Se, por um lado, isso pode contribuir para evitar reforçar certos estereótipos raciais sobre o tamanho do pênis, também perde uma oportunidade para desmentir tais estereótipos.

Apesar da parcimônia geral de opções para se descrever, é interessante notar que o site disponibiliza 22 categorias de gênero. Ao mesmo tempo, há uma espécie de hierarquização espacial na organização destas categorias. Primeiro apareceram duas opções em destaque na lista, “homem” e “mulher”, seguidas por uma barrinha horizontal que as separa das outras 20 opções ‘menos comuns’: “sem gênero”, “andrógeno”, “bigênero”, “FTM”, “fluido”, “questionando”, “pangênero”, “transgênero” etc. (ver Figura 1). Apesar desta grande variedade de opções, o motor de busca do site não permite procurar individualmente todas as categorias de gênero que aparecem na lista, somente “homem”, “mulher” ou “trans”. Assim, pessoas “fluidas” ou “questionando” são categorizadas como “trans” pelo motor de busca, apesar de não necessariamente se identificarem assim.

<sup>3</sup> O fato de não conseguir inserir textos sobre si mesmo, sobre seus interesses, sobre preferências sexuais etc. levanta uma questão que espero desenvolver nas próximas etapas de pesquisa – a falta de informações sobre si acabar por colocar o pênis pequeno como o fator principal na busca de parceirxs? O site contribui, desta maneira, para a fetichização do pênis pequeno?



*Figura 1 - disposição das opções no menu de categorias de gênero*



*Figura 2 - disposição das opções no menu de categorias de sexualidade*

Algo parecido acontece para as opções de sexualidade, cujo menu coloca em destaque “hétero”, “gay”, “bissexual” e “lésbica”, seguido por uma barrinha horizontal e as opções ‘menos comuns’: “assexuado”, “demissexual”, “assexualidade cinza”, “pansexual” e “queer” (curiosamente, a opção “outro” aparece para a categoria “gênero”, mas não para sexualidade). É interessante notar que sexualidades não heterossexuais como “gay” e “lésbica” aparecem na posição de destaque, de certa maneira normalizando-as (ver Figura 2). Mas, ao mesmo tempo que o site de certa maneira normaliza essas sexualidades frequentemente vistas como anormais na sociedade, não chega a desestabilizar totalmente os binários e as ideias cisheteronormativas, por ainda deixar outras sexualidades ‘menos comuns’ numa posição sem destaque, reforçando outro tipo de hierarquização ou binário de

normal/anormal. Como no caso das categorias de gênero, o motor de busca do site não permite buscar todas as opções de sexualidade que existem nos perfis; somente “hétero”, “bissexual”, “gay/lésbica” ou “outro”.

Apesar desses problemas, uma quebra interessante da cisheteronormatividade é a inclusão da categoria identitária “lésbica” num site para pessoas interessadas em relacionamentos com indivíduos de pênis pequeno, já que no senso comum cisheteronormativo, uma lésbica não se interessaria por pessoas com pênis. Isso abre a possibilidade de pensar a sexualidade de outras maneiras: que uma mulher pode se identificar com lésbica e ainda se interessar por homens cisgêneros com pênis, ou se interessar por mulheres “de peito e pau” etc.

Em relação ao segundo eixo, as performances identitárias nos perfis, há 112 brasileirxs (ou pelo menos pessoas que moram no Brasil) que se cadastraram no site: 76 que selecionaram a categoria de gênero “homem” (dos quais 54 se declaram heterossexual, 11 bissexual, 7 gay e 2 outro), 34 que selecionaram “mulher” (das quais 20 heterossexual, 9 bissexual, 1 lésbica, 4 outro), um que selecionou “homem trans” (e se declarou gay) e uma pessoa que se identificou como *gender-questioning* (ou seja, com dúvidas sobre o gênero) e bissexual. Já que grande maioria de usuárixs brasileirxs se declara homens heterossexuais, mas há somente 34 pessoas cadastradas no site que se identificaram como mulheres, isso cria uma certa ‘demanda’ muito grande sob as mulheres, cujas repercussões restam a ver nas etapas futuras da pesquisa.

O que mais nos chama a atenção sobre as performances identitárias nos perfis é o seguinte: apesar de a descrição do site afirmar que a plataforma procura combater o estigma contra o pênis pequeno e fomentar uma imagem corporal positiva, a grande maioria – 83% – dos usuários brasileiros que se declaram homens não usa foto de perfil (nem uma foto do corpo sem mostrar o rosto), enquanto os perfis da grande maioria – quase 74% – das usuárixs brasileiras têm foto (geralmente sem ocultar o rosto). A falta de fotos na maioria dos perfis dos homens chama a atenção, já que outras etnografias online em sites e aplicativos de encontros têm mostrado uma grande diversidade de estratégias para aparecer sem revelar a identidade, e.g. mostrar somente o abdômem ou alguma parte do corpo, tirar a foto no espelho colocando o celular na frente do rosto etc. (BONFANTE, 2016). Isso pode indicar que os homens tenham medo de ser reconhecidos e ridicularizados, devido à força do estigma de ter pênis pequeno, enquanto as mulheres não têm esse receio, pelo fato de sentir desejo por pênis pequeno

não ser uma atitude tão estigmatizada. Nenhuma pessoa que se identificou como trans colocou foto de perfil, o que pode estar relacionado também à perseguição e ao genocídio das pessoas trans neste país.

No que diz respeito ao terceiro eixo, os textos do próprio site que descrevem os serviços que oferece, o site DinkyOne apresenta alguns textos que podem facilitar a desestabilização de ideologias cisheteronormativas ao mesmo tempo que apresenta outros que levam à sua reprodução. Por exemplo, o site vacila nas suas descrições generificadas. Às vezes usa uma linguagem ‘neutra’ que evita menções a gênero, ou seja, não fala em “*homens* com pênis pequeno”, mas em “*pessoas* com pênis pequeno”, assim abrindo espaço para “mulheres de peito e pau”, por exemplo. Porém, às vezes reforça cisheteronormatividades, falando em “homens com pênis pequeno” ou “homens com micropênis”, esquecendo que não toda pessoa com pênis é homem e que não todo homem tem pênis. Um vacilo parecido acontece com descrições de casais potenciais, que às vezes são descritos usando termos não generificados como “partner” (parceirx), mas às vezes falam em *mulheres* que preferem *homens* com pênis pequeno, assim reforçando não somente a cisheteronormatividade, mas a heteronormatividade<sup>4</sup> (por esquecer que não toda mulher que usa o site está procurando um homem, e vice-versa).

O site afirma que é “inclusivo” e aberto a qualquer sexualidade, e na construção de perfil sugere categorias de sexualidade como “gay”, “lésbica”, “bissexual”, “pansexual”, “demissexual”, “queer” etc., como explicamos anteriormente. Porém, nas descrições de seus serviços, os textos no site tendem a falar de maneira heteronormativa de *mulheres* com interesse em *homens* com pênis pequeno, e não *homens* interessados em *homens* com pênis pequeno. De modo parecido, como mencionamos anteriormente, o site oferece 22 categorias de identidade de gênero (incluindo “sem gênero”, “andrôgeno”, “bigênero”, “fluido”, “questionando”, “two-spirit”) e alega que procura permitir que xs usuárixs possam “combinar gênero e sexualidade do jeito que quiserem”. Porém, as descrições dos serviços no site tendem a falar somente de homens e mulheres em vez de usar as outras categorias disponíveis ou tentar usar palavras não generificadas como “pessoas” ou “indivíduos”.

---

<sup>4</sup> Apesar de reconhecer que a cisheteronormatividade e a heteronormatividade são imbricadas numa matriz cisheteronormativa, aqui faço uma separação entre os conceitos no intuito de destacar quando normatividades relacionadas à cisgêneridade ou à heterossexualidade ficam mais salientes. Em outras palavras, pressupor que toda mulher procura relacionamento com homem, e que somente homens têm pênis, são duas ideias cisheteronormativas, mas na primeira a questão do heterossexismo fica em primeiro plano, enquanto na segunda a questão do cissexismo fica em primeiro plano.

Nas descrições das eventuais preferências das mulheres, porém, há um breve texto interessante, que começa com a pergunta “Quem gosta de um pênis menor?” e depois responde à indagação dizendo: “Do mesmo jeito que existem homens que têm um pau menor que a média, existem mulheres que são menores que a média. Podem frequentemente sentir dor durante as relações sexuais. Existem também mulheres que têm fetiche de homens pequenos, frequentemente elas desempenham um papel dominante [nas relações]”. Apesar do texto em certo momento reforçar a ideia cisnormativa que somente *homens* têm pênis, e a ideia heteronormativa que quem vai procurar homens com pênis pequeno são *mulheres*, há alguma desestabilizações da cisheteronormatividade. Primeiro, o site subverte o mito que um pênis grande sempre resultará em mais prazer para xs parceirxs ao reconhecer a possibilidade de pessoas que preferem um pênis menor para não sentir dor durante as relações sexuais, assim contribuindo para combater certos estereótipos e associações ideológicas. Segundo, o texto reconhece uma das práticas BDSM de humilhação – pessoas que gostam de dominar e humilhar indivíduos com pênis pequeno, e indivíduos com pênis pequeno que sentem prazer ao serem dominados e humilhados. Assim, dá visibilidade a essa prática que, embora possa ser realizada por pessoas heterossexuais, fica fora do domínio heteronormativo. A prática de humilhação, embora de certa maneira reforça os estereótipos sobre o pênis pequeno e a masculinidade, também brinca com e ressignifica esses estereótipos, transformando o estigma em uma fonte de desejo e prazer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resumidamente, apesar da proposta transgressiva de combater o estigma do pênis pequeno, os textos e o desenho do site vacilam na sua subversividade. Por exemplo, o site às vezes fala de “pessoas” ou “quem tem” pênis pequeno, sem indicar o gênero, mas às vezes reforça a cisnormatividade ao falar de “homens” ou “caras” com pênis pequeno. De modo parecido, há uma vasta gama de categorias de gênero disponíveis no processo de criação de perfil, mas essas opções acabam sendo agrupadas em somente três categorias – “homem”, “mulher” ou “trans” – no motor de busca. Há subversões nos discursos que problematizam a valorização ideológica do pênis grande, em particular no texto no site que desmente a ideia que um pênis grande sempre traz mais prazer nas relações sexuais. Ao mesmo tempo, o fato de a grande maioria dos

usuários homens não usarem foto de perfil pode sugerir que xs usuárixs ainda tenham receio de se expor, apesar da proposta transgressiva do site.

As observações que fizemos na discussão dos resultados preliminares também levantam algumas outras questões – por exemplo, até que ponto o site realmente é comprometido ideologicamente com o combate ao estigma do pênis pequeno e com a inclusividade, ou até que ponto isso é feito para ocupar um nicho de mercado e vender serviços. Como observa Ward (2008), ter uma reputação de ser a favor da diversidade e da inclusividade é algo que vende, hoje em dia.

Ao mesmo tempo, como mencionamos anteriormente, na construção do perfil, o site não permite escolher uma categoria de identidade étnico-racial, e não oferece campos livres no perfil para inserir tais informações (ou qualquer outra informação desejada). Isso levanta outras questões: por exemplo, a falta de menções à raça dxs usuárixs contribui para evitar associar certos estereótipos raciais a certos tamanhos de pênis? Ou perde uma oportunidade para desmentir tais estereótipos? Não incluir esta categoria reforça a ideia equivocada de que nossa sociedade já “não vê raça”?

Devido à pesquisa estar em uma fase inicial, é impossível falar de conclusões concretas, mas já nessas primeiras semanas de campo temos observado que os textos da plataforma e xs usuárixs às vezes destabilizam, mas também às vezes reforçam cisheteronormatividades, e há discursos que problematizam a valorização ideológica do pênis grande. No que diz respeito a estereótipos racializados envolvendo o tamanho do pênis, o site somente deixa entrever algumas questões (a falta marcante de discutir raça diretamente nas descrições do site ou de permitir mencioná-la nos perfis). Nas próximas etapas da pesquisa, quando começarmos as entrevistas, pretendemos desenvolver mais estas questões.

## REFERÊNCIAS

BONFANTE, Gleiton Matheus. **Erótica dos signos em aplicativos de pegação: performances íntimo-espetaculares de si**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

BORBA, Rodrigo. Linguística *queer*: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, São Leopoldo (RS), v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Trad. F. S. Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

[2015] 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: Os limites discursivos do 'sexo', 1ª ed. Trad. V. Daminelli; D. Y. Françoli. São Paulo: n-1 edições/ Crocodilo Edições, [1993] 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade, 4ª ed. Trad. R. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2012.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Trad. F. B. M. Fernandes. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, [2005] 2013.

CORBIN, Alain (org). **História da Virilidade, vol. 2**: O triunfo da virilidade: o século XIX. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, [2012] 2013.

COURTINE, Jean-Jacques (org). **História da Virilidade, vol. 3**: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, [2012] 2013.

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**: Subsídios ao trabalho em Educação Sexual. 3a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Londres: Sage, 2000.

HINE, Christine (org.) **Virtual Methods**: Issues in Social Research on the Internet. Oxford: Berg, 2005.

KIMMEL, Michael. **Angry White Men**: American Masculinity at the End of an Era, 2ª ed. Nova Iorque: Bold Type Books, 2017.

KURASHIGE, Keith Diego. O desejo pela branquitude e o fantasma das diferenças raciais. **Norus**, v. 3, n. 3, jan/jun 2015, p. 20-50.

LEWIS, Elizabeth Sara. Do "léxico gay" à Linguística *Queer*: desestabilizando a norma homossexual oculta nas Teorias *Queer*. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 47, n. 3, p. 675-690, 2018.

LIVIA, Anna; HALL, Kira (orgs). **Queerly Phrased**: Language, Gender and Sexuality. Oxford e Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.

MELO, Glenda; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 653-673, set/dez 2014.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação de linguística à linguística aplicada

indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar (orgs). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009a, p. 11-24.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Gragoatá** (UFF), v. 27, p. 33-50, 2009b.

NOGUEIRA, Gilmaro. **Caças e Pegações Online: Subversões e reiteraões de Gêneros e Sexualidades**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual**. Trad. M. P. G. Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, [2000] 2014.

VERGUEIRO, Viviane. Um breve glossário transfeminista. In: MACEDO, Elizabeth; RANNIERY, Thiago (orgs). **Currículo, sexualidade e ação docente**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2017, p. 201-212.

VIGARELLO, Georges (org). **História da Virilidade, vol. 1: A invenção da virilidade, da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, [2012] 2013.

WARD, Jane. **Respectably Queer: Diversity Culture in LGBT Activist Organizations**. Nashville: Vanderbilt University Press, 2008.

